

Forma de renegociação agrava as divergências

19 MAI 1984

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Europeus e norte-americanos defendem posições diametralmente opostas sobre o encaminhamento de soluções para o problema da dívida dos países em desenvolvimento, calculada atualmente em US\$ 750 bilhões. Se alguém ainda tinha dúvidas a esse respeito, a reunião dos 20 ministros de economia e finanças da área da OCDE, realizada anteontem em Paris, contribuiu para evidenciar ainda mais a diferença de análise, principalmente entre Estados Unidos e França. Pela primeira vez a OCDE deixou de lado os problemas relativos à evolução das economias dos países que a integram para dedicar praticamente todo o tempo do encontro à situação preocupante dos países mais endividados.

As intervenções dos ministros Jacques Delors, da França e Donald Regan, dos Estados Unidos, mostraram a existência de duas visões distintas do problema. O ministro francês considera que o endividamento desses países permanece como uma preocupação a médio prazo, definindo-o como uma espécie de "espada de Dâmocles" que poderá ser acionada a qualquer momento. Delors lembra que a situação poderá agravar-se a médio prazo, pois esses países terão de enfrentar pesados compromissos no período 1986-1988.

Os europeus em geral admitem uma negociação global que permita aos países mais endividados enfrentar realmente o problema e não buscar apenas soluções temporárias. Mas essa não é a opinião do secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan. Mesmo considerando o problema como preocupante, o representante norte-americano defende negociações isoladas, caso por

caso, acreditando que os ajustamentos indispensáveis que estão sendo feitos pelos países endividados, além dos recursos oferecidos pelo Fundo Monetário Internacional, são medidas suficientes para financiar seus respectivos déficits de balanço de pagamentos.

DUAS SOLUÇÕES

O encontro desta semana em Paris indicou claramente a existência de duas concepções: a européia que advoga um plano que permita uma reconstrução duradoura, uma ampla negociação política de escala internacional. Tal solução, mais complexa, permitiria curar as economias doentes mais a longo prazo.

A outra concepção, norte-americana, prevê simplesmente remédios para atender às necessidades mais urgentes, isto é, confiar na capacidade do sistema financeiro internacional para tapar os buracos à medida que eles surjam. Mas essa posição, defendida por Donald Regan, não é unânime mesmo no interior do governo norte-americano.

Alguns setores defendem soluções mais amplas. Cita-se, por exemplo, a sugestão de limitar as taxas de juros para os países mais endividados feita pelo governador do Banco de Nova York, Anthony Salomon, e considerada "interessante" por Paul Volcker, presidente da Junta da Reserva Federal. Essa possibilidade foi categoricamente afastada em Paris pelo secretário do Tesouro norte-americano.

Em diversos países da Europa, notadamente na França e Alemanha Federal, considera-se que as soluções que estão sendo aplicadas pelo FMI só contribuem para agravar o problema a longo prazo, pois os planos de austeridade impostos reduzem a capacidade dos países pobres a médio prazo.